

## GÊNERO E DIVERSIDADE: A FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE INTERSECÇÕES E SLOGANS

Fernanda Bichara  
Daniela Auad  
Universidade Federal de Juiz de Fora

### RESUMO

Esta comunicação debate conclusões de pesquisa mais ampla intitulada *Relações de gênero nos cursos de Pedagogia: desafios e obstáculos de um percurso inacabado*, cujo objetivo foi conhecer como (e se) estão se dando discussões de temas que considerem a categoria gênero e diversidade, no âmbito dos Cursos de Pedagogia, das Universidades Federais da Região Sudeste do Brasil. Ao manter como norte a categoria gênero e os estudos feministas, o texto que aqui se desenvolve apresenta como contribuição apreensões do uso que vem sendo, historicamente, atribuído ao termo diversidade. Como expressivas dos variados entendimentos acerca do que seja diversidade, são abordadas entrevistas com docentes de Curso de Pedagogia representativo do campo de pesquisa, em uma Universidade Federal na Região Sudeste. Ao refletir sobre os usos e abusos que podem ser feitos do termo diversidade, será possível notar que o debate ancorado no termo diversidade se ampliou e influencia a Formação Docente. Também são percebidos silenciamentos e resistências que revelam a diversidade como slogan, cujo esvaziamento pode aprofundar desigualdades.

Palavras-chave: Diversidade; Relações de Gênero; Formação Docente; Ensino Superior; Políticas Públicas.

### INTRODUÇÃO

[...] *Se ninguém tem dó, ninguém entende nada.  
O grande escândalo sou eu,  
Aqui, só [...]*  
(Escândalo, Ângela Ro Ro)

Esse trecho musical nos ocorreu assim que uma professora do curso de Pedagogia utilizou o termo “escracho” para se referir à homossexualidade e, especificamente, para falar da maneira como a homossexualidade estava, na opinião dela, sendo mencionada na Universidade. Note-se que alunas, alunos e docentes heterossexuais comumente mencionam relações heterossexuais tanto

Realização:



Apoio:



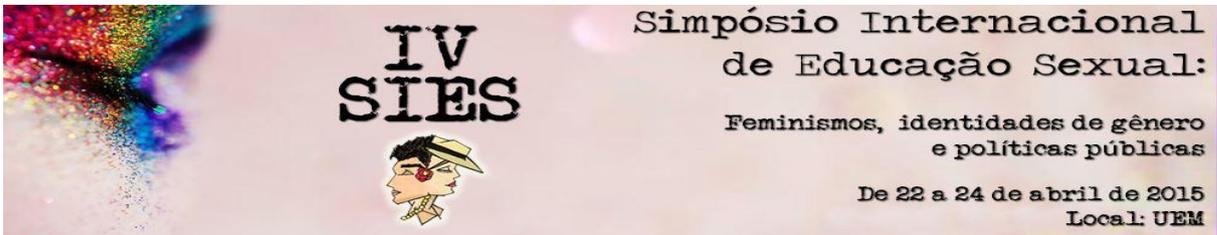
**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



suas quanto de outras pessoas; mencionam filhos, maridos, esposas, em meio às falas, dentro e fora de seus locais de trabalho de estudo. Diante da heteronormatividade, isso é percebido como comum, normal, e não um “escracho” ou algo acerca do qual se deva ter cuidados especiais. Para melhor ilustrar a mentalidade a que se faz referência, cabe citar a transcrição da fala docente:

[...] essa reflexão tem que ser feita de uma forma **cuidadosa** sabe, porque muitas vezes eu vejo já alunos falando sobre isso de uma forma **equivocada, muito escrachada, é muito radical**, então eu acho que isso pode acabar levando eles a um **extremo**, e prejudicar a compreensão do que a gente quer que eles realmente construam [...].(grifos nossos, em trecho de entrevista com devida revisão e leitura da docente entrevistada)

Cumprir destacar que essa afirmação, foi coletada durante entrevista com uma das docentes responsáveis por uma disciplina obrigatória de um Curso de Pedagogia de uma Universidade Federal, na Região Sudeste. Desta forma, imagine-se que ela saiba que a palavra escracho carrega significado pejorativo. No Dicionário Michaelis *on line*, escracho consta como gíria que significa “retrato tirado na polícia”, ou seja, escrachado é quem foi pego/a em flagrante delito. No linguajar da docente, a homossexualidade, além de exigir cuidados, remonta ao universo dos extremos, da radicalidade, do equívoco. Nesse sentido, para a docente o escracho pode remeter a algo inadequado, perigoso, criminoso.

Certamente que dados de pesquisa dessa natureza geram indignação, um tanto de nojo, mas também, e sobretudo, nos dão uma certeza motivadora: por mais que o debate das relações de gênero esteja presente na academia, na formação docente, nas pesquisas das variadas áreas, há muito ainda a percorrer no caminho rumo à igualdade. E não se está aqui fazendo referência às sempre lembradas – tão criticadas e muitas vezes deslegitimadas – “professoras despreparadas” das escolas públicas, na Educação Infantil ou Ensino Fundamental. Não se está fazendo referência aos variados homofóbicos fundamentalistas cristãos que, com toda justiça e a bem da legalidade, deveriam perder seus cargos públicos, uma vez que o

Realização:



Apoio:



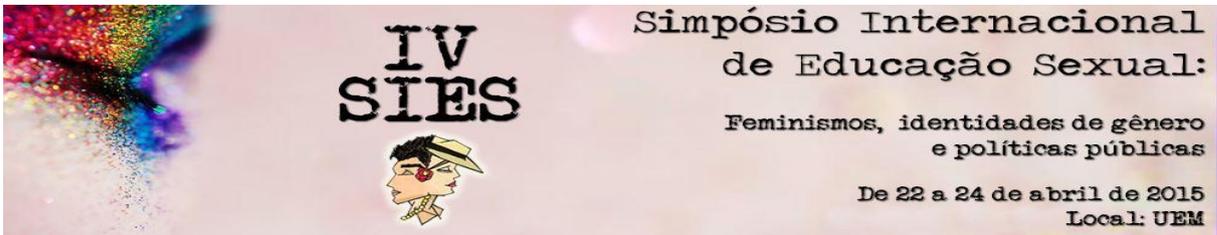
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Estado e, por conseguinte, a educação no Brasil são laicos. Neste artigo, estamos nos referindo às docentes aparente e devidamente preparadas em graduações e pós-graduações, com títulos e Lattes suficiente para passarem em concursos públicos, cujas aprovações às tornam docentes de Universidades Federais.

A partir da conjuntura descrita, o presente artigo busca analisar e debater, em meio a amplo conjunto de reflexões, o que está em nós e ao nosso lado. Trata-se de pensar sobre o percurso a percorrer, de mãos dadas se for preciso, com a colega docente que parece resistir ao fato de lecionar, em contexto de Ensino Superior, no mesmo corpo docente que nós. Nesse contexto, lembramo-nos de Ângela Ro Ro cantando que somos aquelas que trazem o escândalo, no sentido de trazer o desconforto da crise, da transformação, onde, pelas lentes conservadoras e heterocentradas, só se vê o escracho. E ainda que se queira se escandalizar, no sentido usual do termo, o que, de fato, ofende o decoro e traz a desgraça, como na canção, é ser só, sem ter por companhia todos/as os/as docentes do curso, pois, pelo transcrito, ainda resta nos Cursos de Pedagogia docentes que parecem acreditar que diversidade e gênero são assuntos de quem é viado, sapatão ou, no máximo, é estudiosa/o de gênero que não serve, por exemplo, para dar uma boa aula de sociologia ou ter produção na área de ensino de história. O grande escândalo – que é, de fato e na verdade, o real escracho – é essa concepção curricular, expressa na fala docente. Como dados de campo, revelam-se tanto a existência de docente quanto currículo com notas de homofobia, além de possível desconhecimento e certa desconsideração de básico universo dos Direitos Humanos. Em razão desses resultados de pesquisa, com absoluta certeza que já se iniciou a construção democrática dos e nos Cursos de Pedagogia e pela continuidade desse processo, *arranhamos nossa garganta*, nas páginas a seguir, assim como canta Ro Ro, *atrás de alguma paz* e a partir do genuíno desejo de contribuir para a igualdade de todas as pessoas.

## A DIVERSIDADE E ALGUMAS DE SUAS ACEPÇÕES

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Ao revelar conclusões da pesquisa intitulada *Relações de gênero nos cursos de Pedagogia: desafios e obstáculos de um percurso inacabado* – realizada junto aos Cursos de Pedagogia, das Universidades Federais da Região Sudeste do Brasil – o presente artigo reflete sobre os usos e abusos que podem ser feitos do termo diversidade.

Como uma relevante conclusão da pesquisa realizada foi possível notar que, se por um lado, o debate ancorado no termo diversidade se ampliou e influencia a Formação Docente, por outro lado, algumas falas, silenciamentos e resistências ainda revelam a diversidade como um slogan, cujo esvaziamento aprofunda desigualdades.

Assim, com o escopo mais focado no debate das definições de diversidade, e mantendo como norte a categoria gênero e os estudos feministas, o texto que aqui se desenvolve apresenta como contribuições apreensões do uso que vem sendo, historicamente, atribuído ao termo, mais especificamente a partir da década de 1990.

Na direção de construir esse panorama histórico, ainda que longe de explorar exaustivamente a rica polissemia da obra de Avtar Brah, se destaca passagem retirada da obra da Professora de Sociologia da Universidade de Londres. Brah (2006) relembra que diversidade, ao lado de outros termos, tem suscitado debate e contestação de todo tipo por estar no centro de variadas discussões, tais como feminismos contemporâneos, multiculturalismo, comunidade, identidade, intersecção de categorias sociais e variados marcadores de diferença, tais como classe, raça, gênero (BRAH, 2006, p.03).

Ao lado disso, como lembram Maria José Albuquerque Silva e Maria Rejane Lima Brandim (2008), em artigo sobre a temática da Diversidade Cultural, especialmente nos anos 90, são fortalecidos os estudos sobre o multiculturalismo em decorrência da ampliação da influência pós-moderna no discurso curricular. A dupla de professoras da Federal do Piauí aponta que o momento pós-moderno – com a celebração da diferença como uma de suas ideias básicas – é marcado pela valorização da mistura e do hibridismo de culturas, da pluralidade e das diferenças

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



culturais. Na década de 90 também se acentuam os estudos relacionando cultura e educação escolar nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, as autoras asseveram que esse cenário de abordagem do multiculturalismo, iniciado nos Estados Unidos, vai tomando abrangência mundial e chega até o Brasil. Vale, contudo, notar que, assim como nos Estados Unidos, o multiculturalismo no Brasil nasce nas primeiras décadas do século XX, sob a iniciativa dos movimentos negros. Apesar disso, de modo muito diferente de como se deu no território norte-americano, os debates não contaram com a adesão das universidades desde seu surgimento.

Apenas nos anos 90, variados setores começaram a se apropriar dos debates abrangentes e multifacetados que são analisados, em diferentes ângulos, tanto por Silva e Brandim quanto por Brah, assim como por outras autoras e autores, cujos trabalhos serão destacados a seguir.

Primeiramente, cumpre destacar como fundamental alguns apontamentos presentes no texto *Diversidade, Direito à Comunicação e Alquimia das Categorias Sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia* (AUAD e LAHNI, 2013). Desta forma, no âmbito da abordagem adotada e em uma perspectiva feminista, as relações de gênero são centrais e correspondem ao conjunto de representações construído em cada sociedade, com sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças desiguais para cada um dos sexos. As características biológicas atribuídas aos homens e às mulheres são interpretadas segundo as construções de gênero de cada sociedade. Ou, em outras palavras, o gênero faz com que percebamos o sexo biológico, pois as características e diferenças anatômicas são enxergadas e valorizadas do modo como são, e não de outro modo, graças à existência das relações de gênero socialmente construídas. Repetidamente praticadas, contadas e recontadas, estas relações vão ganhando a feição de “naturais”. Tais características são construídas historicamente, a partir do modo como as relações de poder entre alguns pares foram e vão se engendrando socialmente.

Ao definir o termo diversidade, Paulo Roberto Konzen, em seu *O Conceito de Diversidade*, assevera que, atualmente

Realização:



Apoio:



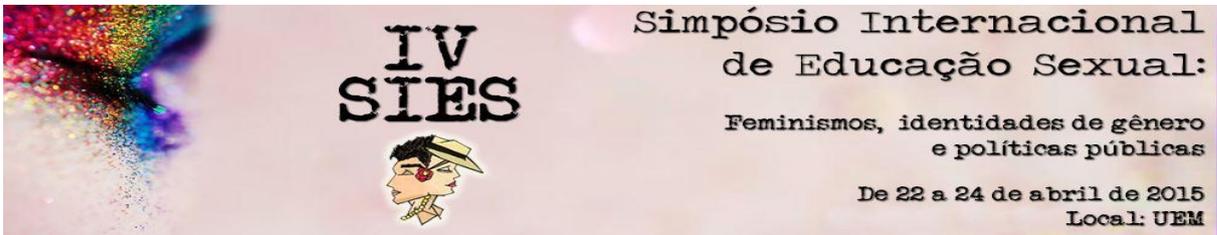
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



o termo diversidade (Verschiedenheit[alemão]; Diversity[inglês], Diversité[francês], Diversità[italiano], etc.) designa, normalmente, a qualidade ou a condição do que é diverso, as características ou elementos diversos entre si, que existem sobre um assunto, ambiente, etc. (KONZEN, 2012, p. 41)

O autor destaca que o termo é usado em vários sentidos, pois, “afirma-se que há, por exemplo, atualmente, uma diversidade de opiniões ou pontos de vista, diversidade de costumes, hábitos, comportamentos, crenças e valores, uma diversidade sexual, a diversidade biológica ou a biodiversidade, etc.”. (KONZEN, 2012, p. 41)

Na definição de Hegel, “‘diversidade’ expressa que dois ou mais objetos, sujeitos, etc. tanto possuem a ‘determinação da desigualdade’ (Bestimmung der Ungleichheit) quanto a determinação da ‘igualdade’ (Gleichheit), o que a distingue, assim, da mera diferença” (cf. HEGEL, CL, 2011, apud KONZEN, 2012, p. 40).

A perspectiva hegeliana é trazida para o interior do presente texto exatamente por valorizar a tríade desigualdade-igualdade-diferença. De maneira complementar, tal tríade se salienta, na abordagem assumida no presente texto, assim como em outras pesquisas realizadas pelas suas autoras. E, então, trata-se de lembrar que “igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão” (SCOTT, 2005, p. 14). Em *O Enigma da Igualdade*, tal assertiva se esclarece com os pressupostos colocados por Joan Scott:

1. A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente.
2. Identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade.
3. Reivindicações de igualdade envolvem a aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação. Ou, em outras palavras: os termos de exclusão sobre os quais essa discriminação está amparada são ao mesmo tempo negados e reproduzidos nas demandas pela inclusão. (SCOTT, 2005, p.15)

Para Scott, a igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não se trata de uma ausência ou a eliminação da diferença, mas o

Realização:



Apoio:

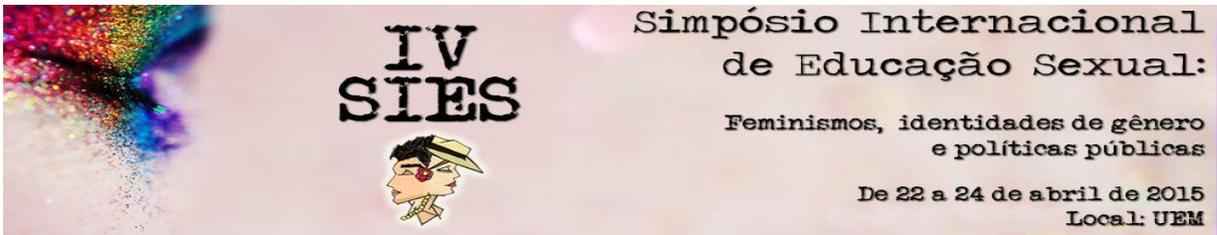


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração. Conforme a autora, a cidadania também foi negada aos escravos, porque eles eram propriedade de outros, e para as mulheres porque seus deveres domésticos e de cuidados com as crianças eram vistos como impedimentos à participação política (SCOTT, 2005, p.15). Assim, considerando os encaminhamentos inspiradores de Scott ao refletir sobre os enigmas da igualdade, ao utilizar o termo diversidade, no presente texto, faz-se referência a uma maneira de perceber como as diferenças hierarquizadas são construídas a partir da combinação da categoria gênero ora com raça, ora com geração, ora com classe social, ora com orientação sexual.

A percepção da intersecção das categorias sociais foi essencial, segundo Scott (1995), para que houvesse a real inserção das mulheres na história, em seu âmbito pessoal, público e político. Com essa guinada epistemológica, as historiadoras feministas ressaltaram não apenas a escrita de uma nova história das mulheres, mas a escrita de uma nova história da sociedade, nesta sendo mais possível de visibilizar mais grupos representativos. Para que isso de fato acontecesse, foi preciso invocar categorias de análises em intersecção. Em seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, Scott relembra que, o interesse pelas categorias classe, raça e gênero assinalava, em primeiro lugar, o envolvimento do/a pesquisador/a com uma história que incluía as narrativas dos/as oprimidos/as e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão (SCOTT, 1995, p.73).

Apesar disso, dez anos depois de ter feito essas afirmações incontestes em seu emblemático texto da década de 90, Scott complementa a análise ao asseverar, como face da mesma moeda e levando o processo de reescrita da história ao limite, que o elevado senso de identificação que surge com a redução de um indivíduo a uma categoria é, ao mesmo tempo, devastador e embriagador. Para a autora, há de se notar, por um lado, as maneiras como alguém pode ser transformado em objeto de discriminação e em um estereótipo. Por outro lado, há de se valorizar como esse alguém encontra apoio e solidariedade na busca pela igualdade, ao deixar de ser um indivíduo e se tornar membro de um grupo e movimento de luta (2005, p.19).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Scott alinhava seu texto com a tensão entre grupos e indivíduos, na busca pela Igualdade. Nesse sentido, Auad e Lahni consideram a tensão valorizada por Scott e reforçam a necessária combinação das categorias sociais, a fim de não esvaziar as potencialidades do termo diversidade:

[...] há de se tentar, por um lado, romper com o esvaziamento das palavras, com a homogeneização dos movimentos sociais e com o apagamento das identidades dos sujeitos que demandam por direitos. Por outro lado, urge esforço na direção de não nos deixar abandonar pela rejeição ao uso dos termos recorrentes ou pela fácil utilização das palavras, sem refletir sobre seus sentidos. (AUAD e LAHNI, 2013, p.150)

Scott ainda se mostra referência marcante na pesquisa realizada, ao reafirmar a importância da linguagem. A autora afirma que “aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (1995, p.71). Assim, por mais que estejamos travando uma batalha aparentemente inglória, dada à instabilidade do uso dos termos, ao tentar apreender o termo diversidade, não o capturaremos, mas participamos de sua construção e, sobretudo, conhecemos parte de sua história. Concorre-se para descobrir, afinal, quais ideias e coisas o uso do termo diversidade pretende significar em determinados contextos.

Nessa direção, conforme menciona Moehlecke, a expressão diversidade atualmente está associada aos novos movimentos sociais, especialmente os de cunho identitário, articulados em torno da defesa das chamadas políticas de diferença. Estas políticas reivindicam o direito à diferença e, em seu escopo, a diversidade articula-se à exigência de reconhecimento, na esfera pública e política, de grupos definidos como minoritários e subalternos (MOEHLECKE, 2009, p. 463).

Embora tenha tomado força na década de 90, como dito inicialmente, o debate sobre diversidade no Brasil iniciou-se nos anos 80. Trata-se de discussão motivada pela pressão internacional de cumprimento dos acordos internacionais de

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





combate às desigualdades raciais, de gênero e outras. Há ainda outros documentos expressivos da representatividade dos movimentos feminista e negro, o que mais tarde intensificou-se com a inserção de movimentos indígenas e das pessoas com deficiência (MOEHLECKE, 2009, p. 463).

É importante, ao refletir sobre a diversidade – e quais ideias e práticas ela pode representar – pensar sobre os movimentos sociais. Estes, segundo Gohn (2007), se distinguem por serem organizações que possuem uma identidade, têm um opositor e se articulam ou se fundamentam num projeto de vida e de sociedade. São ainda movimentos que se destacam por lutarem contra fenômenos sociais que demandam intervenções públicas com vistas à mudança de comportamentos e de valores na busca da transformação da sociedade e das relações sociais (Gohn, 2007). Como expressão desse cenário de luta e disputa, José Gimeno Sacristán afirma que,

Uma das aspirações básicas do programa pro-diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo “normalizando-o” e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da orientação moderna. E, se a ordem é o que mais nos ocupa, a ambivalência é o que mais nos preocupa. A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando tudo que é diferente a padrões unitários ou “segregando-o” em categorias fora da “normalidade” dominante. (2001 apud CANDAU, 2011, p.241)

Da mesma forma que avalia Hall, em outros contextos, na esteira da luta contra as tendências invisibilizadoras das identidades, os movimentos sociais no Brasil passaram então, a partir das duas últimas décadas do século XX, a intensificar suas reivindicações, em prol da diversidade, em vista de coibir o tratamento discriminatório que impera “sobre o pressuposto (geralmente tácito) da homogeneidade cultural organizada em torno de valores universais, seculares e individuais” (HALL, 2003, p.52).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



A partir de variadas concepções teóricas, é inegável a importância da escola como fundamental para a construção da sociedade democrática. Como, por exemplo, expressa texto governamental sobre a temática,

A escola é um espaço de socialização para a diversidade e para o questionamento da aprendizagem do gênero e da sexualidade, entretanto a invisibilização dessas questões mostra que é necessário um investimento dos/as professores/as em sua formação para aprofundar o debate com os/as alunos/as. (SEED, 2010, p.28)

Os processos de intensificação das políticas voltadas para a diversidade influenciaram na preocupação da criação de leis educacionais voltadas para as diferenças sociais do contexto educacional. Tais documentos teriam o potencial de cotidianamente definir, redefinir e organizar as práticas escolares.

Mesmo com a intensificação após os anos 90, da preocupação de se criar leis educacionais voltadas para as diferenças sociais do contexto educacional, muito há ainda que se realizar para que o percurso, que parece ter se iniciado, alcance algo próximo das demandas dos variados setores por igualdade de Direitos.

Uma expressão disso são os dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia, no Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil (LGBT), relativo a 2013, segundo o qual, trezentos e doze pessoas identificadas como sendo da população LGBT foram assassinadas. Em 2014, já se somam, na metade do ano, 175 assassinatos documentados. Em 2012, 44% das mortes por homofobia do mundo todo ocorreram no Brasil. Esses dados, infelizmente, se relacionam perversamente com a fala da docente que inicia o presente texto. Ela parece acreditar ser escracho falar sobre homossexualidade. Ela demanda cuidado, teme extremos, resiste às radicalidades, mas, contraditoriamente, não se assusta com as mortes, espancamentos, xingamentos e constrangimentos que seus alunos, alunas e colegas LGBTs sofrem, em razão de não serem heterossexuais como ela aparenta ser. Cabe aqui, dentre muitas perplexidades, o antigo questionamento: como fomentar a igualdade em alunos e alunas, se esta ainda não o foi na professora? (AUAD, 1998, p.23).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





## O SLOGAN COMO EQUÍVOCO NA FORMAÇÃO DOCENTE

O Professor José Mario Pires Azanha foi um dos intelectuais que, na área de educação, mais chamou a atenção de suas alunas e alunos sobre o uso dos slogans e seus efeitos. Como relembra a Professora da Faculdade de Educação da USP, Carlota Boto, ao escrever sobre a inegável contribuição do autor de *Uma ideia de Pesquisa Educacional*:

Azanha era um crítico agudo de todos os *slogans* e modismos que, a cada época, se interpunham no debate pedagógico. Nos anos 70, era muito presente a valorização do lugar ativo da criança no processo de aprendizado, como fonte de liberdade e de criatividade no ato de aprender. Azanha (1978, p. XVI) argumenta, sugerindo que a “originalidade em abstrato é destituída de qualquer significado educativo”. Recorda, buscando exemplificar, que podem ser originais tanto o poeta quanto o torturador. (BOTO, 2012, p. 215)

Boto relembra ainda o que Israel Scheffler (1974, p. 46) assevera sobre os *slogans* em educação. Para o autor, tais constructos não possuem pretensão de refletir sobre significações, ao contrário, *slogans* proporcionam símbolos que unificam as ideias e as atitudes-chaves dos movimentos educacionais. Em um só tempo, os slogans, nos dizeres de Scheffler, exprimem e promovem a comunidade de espírito, de modo a atrair novas adesões e fornecer confiança e firmeza aos grupos.

Assim, segundo a abordagem de Scheffler, conhecida entre nós pela obra e atuação docente de Azanha, o termo diversidade pode ter se tornado um slogan, um símbolo unificador de ideias e atitudes, causador de intervenções educacionais dentro e fora de sala de aula, motivador de projetos pedagógicos, inspirador de políticas educacionais e fundamentador de programas governamentais. Por outro lado, a diversidade como slogan pode suscitar a cautela, o temor, a noção de transformação radical do estado de coisas como algo perigoso. E, então, não há como não lembrar do absurdo temor popular diante de uma Ditadura Gay, a cada vez que a população LGBT clama por iguais direitos para iguais deveres, em

Realização:



Apoio:

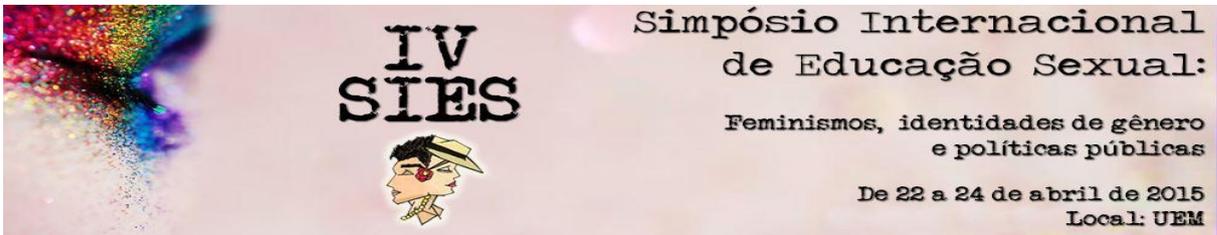


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





comparação à população heterossexual. Tal exemplo bastante arraigado no senso comum é mais uma expressão de sensação causada diante da diversidade. Nesse caso, trata-se da diversidade como representativa de algo que se deve evitar, pois correspondente a algo prejudicial, equivocado ou muito escrachado, segundo a docente já citada.

A partir dessas fundamentais premissas, se descortinam questões: Quais são as ideias que o slogan diversidade unifica? Quais as atitudes chave que ele suscita? Quais movimentos representa? Quais identidades cria? Quais adesões – e, em contrapartida, quais resistências e recusas fóbicas– o slogan diversidade acaba por atrair e, enfim, em que militantes e intelectuais suscita sentimentos e ações tanto para seguir na luta quanto para buscar construir conhecimento?

Há de se ressaltar que, ao realizar esses questionamentos, por um lado se questiona o poder unificador e motivador da diversidade, uma vez que se coloca em causa algo que deveria gerar, na condição de slogan, confiança e consenso. Por outro lado, ainda assim, ao eleger o slogan diversidade como foco de análise, se garante seu lugar motivador e simbólico como aglutinador de movimentos educacionais, como previa Scheffler. Terá a pesquisa em desenvolvimento, então, caído na armadilha do slogan? É possível eleger um objeto de análise livre dos perigos do slogan? Como dizer a palavra que nunca foi dita?

Como apontam Auad e Lahni, desde disciplinas em cursos de graduação até em textos de políticas públicas, ambos com iniciativas e intenções pretensamente igualitárias, utiliza-se a diversidade para conferir legitimidade a discursos que pretendem dispensar igual tratamento a travestis, pessoas com deficiência, negras e negros, lésbicas e gays, população de rua, transexuais e prostitutas. As autoras relembram que, aparentemente com a melhor das intenções, são alocados como elementos de um mesmo conjunto, em uma confusa e pouco consistente intersecção, o que é objeto, temática e foco de distintos Movimentos Sociais e variados Grupos de Pesquisa. Ao lado disso, e em certa medida acompanhando o processo acima descrito por Auad e Lahni (2013), nos Cursos de Formação Inicial e Continuada de Professores, diversidade é termo e conteúdo específico que foi sendo

Realização:



Apoio:



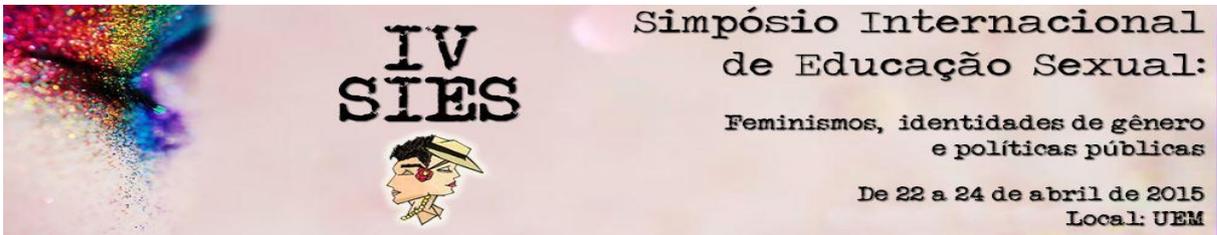
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



inserido e mantido a partir dos estudos de gênero. Assim, cabe questionar, por exemplo, como o uso de tal termo, pode revelar um conjunto de significados políticos de agendas de movimentos sociais e, por outro lado, pode expressar mera utilização esvaziada de slogan que confere legitimidade a alguns discursos, mas não transforma as ações, políticas e estatísticas sobre, por exemplo, a mortalidade da população LGBT no Brasil. Nesse sentido, cabe, ainda, questionar como, ao se travar o debate sobre diversidade na educação, as contribuições dos movimentos feminista e negro foram incluídas e potencializadas – ou diferentes disso, invisibilizadas.

Tal desejo de saber remete ao que considera Sacristán, ao afirmar que

desvendar o mundo dos significados da diversidade ou da diferença e ver o que se quis fazer com elas é um caminho para descobrir práticas, afinar objetivos, tomar consciência e poder administrar os processos de mudança de maneira um pouco mais reflexiva. (2002 apud MENENGUCI, 2010, p.74).

Na ordem das mudanças processuais passíveis de serem suscitadas idealmente pelo que considera Sancristán, há de se refletir sobre como são construídas, mantidas ou eliminadas as desigualdades, a partir da consideração de vulnerabilidades relacionadas às variadas maneiras de ser, por exemplo, mulher e jovem, lésbica e negra, idosa e pobre. Cada uma dessas identidades e todas elas informam e conformam diferenciais de poder construídos em nossa sociedade. Nessa conjuntura, ainda fortemente marcada pelas desigualdades, o estudo sobre diversidade e educação pode contribuir para pensarmos sobre as continuidades e rupturas dos processos de produção das desigualdades.

Nas falas de docentes de Cursos de Pedagogia de Universidades Federais, a menção à diversidade pode revelar um conjunto de significados políticos presentes nas agendas igualitárias dos movimentos sociais e, por outro lado, pode expressar mera utilização esvaziada de slogan que confere legitimidade aos discursos, mas não transforma corações e mentes. Assim, ao contrário dos temores da colega docente de Universidade Federal, o presente texto não representa a voz do medo, o

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



discurso da fobia, mas sim, uma expressão de um corajoso convite para transformar... Vamos?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Cidadania democrática e homossexualidades: comunicação no combate à violência contra as mulheres lésbicas. **Emblemas- Revista do Departamento de História e Ciências Sociais- UFG/ CAC, Catalão- GO**, vol. 10, n.02, jul./dez. 2013, p. 147-166.

\_\_\_\_\_. Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia. **Revista Eptic Online**, São Cristóvão - SE, vol. 15, n.3, 2013, p. 117-130. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/1360/1361>> Acesso 01 de jun de 2014.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de Pesquisa Educacional**. São Paulo, EDUSP, 1992.

BOTO, Carlota. Trilhas de um mestre: o legado político e pedagógico de José Mário Pires Azanha. **Revista USP**, São Paulo, n. 93, 2012.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos PAGU**, n.26, Unicamp, SP, 2006.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Revista Currículo sem Fronteiras**, vol.11, n.2, jul./dez. 2011, p. 240-255. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>> Acesso 01 de jun de 2014.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **De Psicologismos, Pedagogismos e Educação**. In: Conferência proferida na 21a. reunião anual da Associação Nacional dos Profissionais da Educação - ANPED, Caxambú, setembro de 1997.

GOHN, Maria da Glória (org.). **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, Vozes, 3 ed., 2007.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília, DF: UNESCO no Brasil, 2003.

KONZEN, Paulo Roberto. O Conceito de Diversidade (Verschiedenheit) na Ciência da Lógica e na Filosofia do Direito de Hegel. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, Ano 9, nº 17, Dez. 2012, p. 39-60. Disponível em: <[http://www.hegelbrasil.org/Reh\\_17\\_04.pdf](http://www.hegelbrasil.org/Reh_17_04.pdf)> Acesso 15 de jun. de 2014.

MENENGUCI, Lilian Pereira. Pensamento sistêmico: implicações teóricas para pensar a diversidade e as práticas educacionais inclusivas. **Pró-Discente: Caderno de Produções Acadêmico-Científicas do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Vitória, vol. 16, n. 1 jan./jun. 2010, p.63-75. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/PRODISCENTE/article/view/5758/4194>> Acesso dia 01 de maio de 2014.

MOEHLECKE, Sabrina. As políticas de diversidade na Educação no governo Lula. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo- SP, v. 39, n. 137, maio/ago. 2009, p. 461-487. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a08.pdf>> Acesso 01 de jun de 2014.

SCOTT, Joan Wallach. Enigma da Igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2005, p.11-30.

\_\_\_\_\_. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n.2, jul./dez. 1995, p.71-99.

SILVA, Maria José Albuquerque; BRANDIM, Maria Rejane Lima. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. **Diversa**, nº 1, Universidade Federal do Piauí, 2008.

## GENDER AND DIVERSITY: TRAINING TEACHERS BETWEEN INTERSECTIONS AND SLOGANS

### ABSTRACT

This communication debate conclusions of research a broader entitled *Gender Relations in the Pedagogy courses: challenges and obstacles of an unfinished*

Realização:



Apoio:



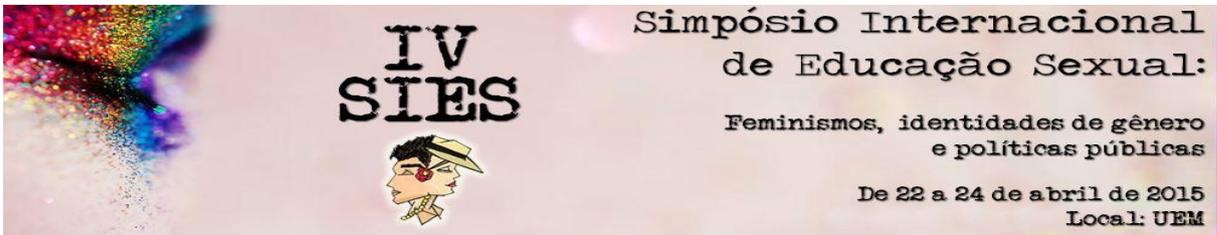
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



*route*, whose aim was to know how (and if) are occurring discussions about subjects that considering the category gender and diversity in the scope of the Pedagogy courses of Federal Universities of the South-East Brazil. By maintaining as guidance the gender category and the feminist studies, the text that here is developing shows as contribution, seizures of the use that has been, historically, attribute to the diversity term. How expressives of the varied understandings about what is diversity, are approached interviews with teachers of the Pedagogy Course, representative of the research field in a Federal University in the South-East Region. In reflecting about the uses and abuses that may be made of the diversity term, could be possible to notice that the debate anchored in the diversity term increased and influences the Teacher Training. Are also perceived silences and resistances that reveal the diversity such as slogan, whose emptying can deepen inequalities.

**KEYWORDS:** Diversity, Gender Relations, Teacher Training, Higher Education, Public Policies.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:



PlayBook